

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN

Estilo de Vida Global - Global Lifestyle

Explore
INDULGENT
AMARIA
Our Choice
REBELO DE ANDRADE
Art
JUAN HERREROS
Meet
OMER GILONY
Portfolio
AURORA ARQUITECTOS
JORGE TEIXEIRA DIAS ARCHITECTS

love

AMOR À PRIMEIRA VISTA
LOVE AT FIRST SIGHT

Juan Herreros

A linha entre a arquitectura e a arte /
The line between architecture and art



MUNCH MUSEUM, PH. © EINAR ASLAKSEN



JUAN HERREROS, PH. © JAN KHUR

Conheci Juan Herreros no mundo da arte; um amigo galerista em comum foi a ponte necessária, mas seria mentira dizer isso sem mencionar os inúmeros livros que comprei sobre o seu trabalho, de mais de 40 anos de prática, ao longo da minha vida. O seu trabalho expande-se por Espanha, Noruega, França, Roménia, Albânia, Marrocos, México, Panamá, República Dominicana, Colômbia, Brasil, Argentina e Coreia do Sul. Herreros é um arquitecto do mundo da arte, e através do **estudio Herreros** projectou museus, sedes de colecções privadas, redesenhou e corrigiu a arquitectura de importantes instituições – como o Reina Sofia em Madrid –, projectou galerias e feiras de arte, estúdios de artistas e montagens de exposições. Juan é dotado de uma energia inesgotável, sempre disposto a ajudar, o seu sorriso franco e incrível capacidade de criação fazem dele o profissional perfeito para discutir esta linha estreita e muitas vezes porosa entre a arte e a arquitectura.

I met Juan Herreros in the world of art; a mutual friend who owns a gallery was the stepping stone we needed, but it would be untrue to say that without also mentioning the countless books I have bought about his work, spanning more than 40 years of practice, in the course of my life. His work spans Spain, Norway, France, Romania, Albania, Morocco, Mexico, Panama, the Dominican Republic, Colombia, Brazil, Argentina and South Korea. Herreros is an architect of the art world, and through **estudio Herreros** he has designed museums, headquarters for private collections, redesigned and corrected the architecture of important institutions – such as the Reina Sofia in Madrid – and designed galleries and art fairs, artists' studios and exhibition installations. Juan has been endowed with boundless energy and is constantly eager to be of help. His genuine smile and remarkable creative ability make him the ideal professional to explore the narrow and often porous boundary between art and architecture.

VERÓNICA DE MELLO: **O seu trabalho posiciona-o como um arquitecto conhecedor do mundo da arte, para o qual realizou projectos de todos os tipos e escalas. O que é que o contacto com a arte pode oferecer a um arquitecto com tanta experiência?**

JUAN HERREROS: A arte goza de uma resposta imediata às inquietações que nos acompanham, algo que a arquitectura não tem devido à lentidão dos processos de projecto e de construção. É por isso que digo sempre que a arte nos indica o caminho, os temas de trabalho, as novas sensibilidades que é preciso desenvolver e experimentar. Além disso, a arte é experimental por natureza e, nesse aspecto, interessam-nos mais os avanços conceptuais do que os formais, as formas de olhar, interpretar e descrever o mundo do que as novidades estéticas. Digamos que não procuramos inspiração nas formas da arte, mas nas suas abordagens conceptuais à realidade.

V.M. **Falemos do conteúdo experimental que mencionas, pois às vezes parece um lugar-comum que está a pedir uma posição crítica, para além do uso insistente da palavra.**

J.H. Metade dos projectos do nosso estúdio têm ligações com o mundo da arte. Este espaço oferece-nos oportunidades exploratórias com interlocutores abertos e empenhados que compreendem que a técnica tem conteúdos sociais e políticos, e que o diálogo entre disciplinas criativas e díspares é a melhor forma de fazer avançar todas elas ao mesmo tempo nos seus respectivos campos. Os museus, galerias ou instalações que projectamos são o laboratório das nossas propostas para outras arquitecturas e nos incentivam a infiltrá-las com conteúdos que, embora às vezes não sejam muito visíveis, operam com grande capacidade de afectar a vida das pessoas.

VERÓNICA DE MELLO: **Your work positions you as an architect who is knowledgeable about the world of art, for which you have carried out projects of all types and scales. What can contact with art offer an architect with so much experience?**

JUAN HERREROS: Art provides an immediate response to the concerns that surround us, something that architecture is unable to do due to the slowness of the design and construction processes. That is why I always say that art shows us the way, the themes to work on, the new sensibilities that need to be cultivated and experimented with. In addition to that, art is experimental by nature, and in that regard, we are more interested in conceptual advances than formal ones. And in ways of looking at, interpreting, and describing the world than in aesthetic novelties. Let's say that we don't seek inspiration in the forms of art, but in its conceptual approaches to reality.

V.M. **Let's talk about the experimental content you mention, because sometimes it seems like a cliché that demands a critical stance, beyond the insistent use of the word.**

J.H. Half of our studio's projects have connections with the art world. This space offers us opportunities for exploration with open and committed interlocutors who understand that technique has social and political content, and that dialogue between creative and disparate disciplines is the best way to advance all of them simultaneously in their respective fields. The museums, galleries or installations we design serve as a laboratory for our proposals for other types of architecture and encourage us to infuse them with content that, although sometimes not particularly visible, has a significant impact on people's lives.



CARRERAS MÚGICA, PH. @ADRIÀ GOULA



"GABINETE", PH. © IMAGEN SUBLIMINAL

V.M. **Como é que a arte influenciou o vosso sistema de trabalho?**

J.H. A arte conhece e valoriza o risco da tentativa e a dimensão produtiva do erro e do acaso. A arquitectura não se pode permitir a tanta liberdade, mas uma mistura equilibrada de pragmatismo e poética pode torná-la tremendamente influente. O contacto com a arte, os artistas, curadores, galeristas e directores de museus enriqueceu os nossos registos e as camadas de informação dos projectos, mas, acima de tudo, afectou as nossas próprias rotinas, tornando desnecessários certos lugares-comuns da prática profissional. Por exemplo, a conversa tornou-se o principal instrumento de tomada de decisões. Já não concebemos um projecto em que não haja um diálogo permanente do qual possam surgir decisões ou ingredientes do projecto que seriam muito difíceis de alcançar por um caminho rotineiro.

V.M. **Para si, o museu como um espaço democrático, público, da cidade é importante. O museu Munch de Oslo é o projecto que melhor representa esta vontade de fazer um museu para todos?**

J.H. Eu diria que sim, porque o projecto surge da conversa em que, sem ainda ter traçado uma linha, nos fazíamos essa pergunta, e o projecto propriamente dito começa quando entendemos que o museu deve actuar como um centro cultural para os cidadãos e como um marco com grande personalidade para os viajantes globais, de modo que ambos encontrem o seu lugar. Um grande museu numa grande cidade deve considerar que o seu sucesso não se mede apenas pelo número de visitantes, mas também pela quantidade de interacções repetidas com a população local, que mede até que ponto esse repositório de referências sobre nós mesmos se inscreveu, ou não, na vida quotidiana dos cidadãos, o que não é menos importante do que o seu prestígio internacional.

V.M. **How has art influenced your working system?**

J.H. Art knows and values the risk of trying and the productive dimension of error and chance. Although architecture cannot permit itself such freedom, a balanced mixture of pragmatism and poetics can make it tremendously influential. Contact with art, artists, curators, gallery owners and museum directors has enriched our different registers and the layers of information in our projects, but above all, it has affected our own routines, making certain places – common in professional practice – unnecessary. For example, conversation has become the main instrument for decision-making. We no longer conceive of a project without engaging in ongoing dialogue, from which decisions or project elements can emerge that would be very difficult to achieve through routine processes.

V.M. **For you, the museum as a democratic, public space in the city is important. Is the Munch Museum in Oslo the project that best represents this desire to create a museum for everyone?**

J.H. Yes, I would say so, because the project arose from a conversation in which, without having even drawn a line, we asked ourselves that question, and the project itself began when we understood that the museum should act as a cultural centre for citizens and also as a landmark of great character for global travellers, so that both could find their place there. A major museum in a major city must consider that its success is not only measured by the number of visitors, but also by the amount of repeated interactions with the local population, which measures the extent to which this repository of references about ourselves has become part of the daily life of citizens, which is just as important as its international prestige.

V.M. **Por si só, a arquitectura do espaço SOLO – instituição de 4000 m² que abriga uma importante colecção de arte de Madrid – conta com uma intervenção que permite viver a memória histórica do edifício e, ao mesmo tempo, possui características contemporâneas de grande sofisticação. É um lugar onde se compreende uma nova forma de desenhar, de pensar a arquitectura. Como foi desenvolvido este projecto?**

J.H. O projecto do espaço SOLO tem uma particularidade extrema, pois estendeu o seu carácter experimental ao próprio processo de design e construção, eliminando a figura do projecto completo, a construtora única e a luta entre os agentes habituais. Lá, pudemos concretizar o nosso sonho de fazer um projecto em que o conceito, o design, a construção, o equipamento e a ativação foram realizados simultaneamente, alimentados por diálogos, idas e vindas, melhorias, reviravoltas e enriquecimentos que se transformaram num projecto de projectos que tem algo de certo e milagroso ao mesmo tempo. A filosofia de que “nunca é tarde para melhorar”, nem “a última palavra sobre nada está dita”, permitiu-nos avançar com firmeza e desenvoltura, ajudados por artesãos memoráveis, para um nível de qualidade material e conceptual muito raro.

V.M. **O que podemos esperar nos próximos anos em relação ao diálogo entre arte e arquitectura?**

J.H. Muitos museus estão imersos em alterações notáveis na sua arquitectura para superar o modelo de mero recipiente de arte que se visita ordenadamente de sala em sala e transformá-los em centros vitais de descoberta, encontro, reflexão e discussão. Em geral, eles buscam uma recodificação do seu metabolismo, dos seus espaços públicos e circulações, ecoam a multiplicação dos formatos da arte, tornam acessíveis os seus depósitos (com as limitações necessárias) e incluem mais programas de investigação, educação e experimentação. Chamamos essas transformações de “correções tipológicas” e parecem-nos um sinal muito eloquente do que está por vir. ^A

V.M. **The architecture of the SOLO space itself – a 4,000 m² institution that houses an important art collection in Madrid – has been designed to allow visitors to experience the historical memory of the building while also featuring highly sophisticated contemporary characteristics. It is a place where a new way of designing and thinking about architecture can be understood. How was this project developed?**

J.H. The SOLO space project has an extreme peculiarity, as it extended its experimental nature to the design and construction process itself, eliminating the figure of the complete project, the single construction company and tensions between the usual agents. It allowed us to realise our dream of creating a project in which the concept, design, construction, equipment and activation were carried out simultaneously, fuelled by dialogue, goings back and forth, improvements, twists and turns and enrichments that turned it into a project of projects that is both successful and miraculous. The philosophy that ‘it’s never too late to improve’ and ‘the last word on nothing has been said’ allowed us to move forward with determination and resourcefulness, and with the support of remarkable artisans, to achieve a very unusual level of material and conceptual quality.

V.M. **What can we expect in the coming years in relation to the dialogue between art and architecture?**

J.H. Many museums are undergoing remarkable changes in their architecture in order to transcend the model of being mere containers of art that are visited in an orderly fashion by moving from room to room. Instead, they are being transformed into vital centres of discovery, encounter, reflection and discussion. In general, they seek to recode their metabolism, their public spaces and circulation, echo the multiplication of art formats, make their archives accessible (with the inevitable restrictions) and include more research, education and experimentation programmes. We call these transformations ‘typological corrections’ and they strike us as a very eloquent sign of things to come. ^A

